



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE HISTÓRIA**

MARIA CONCEIÇÃO GEOVANA PEREIRA DA SILVA

**O Museu Pedro Américo e sua contribuição artístico-cultural na Rainha da Borborema
na década de 1960**

**CAMPINA GRANDE
2017**

MARIA CONCEIÇÃO GEOVANA PEREIRA DA SILVA

**O Museu Pedro Américo e sua contribuição artístico-cultural na Rainha da Borborema
na década de 1960**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

Área de concentração: História Cultural.

Orientador: Profa. Me. Aline Praxedes de Araújo.

**CAMPINA GRANDE
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M586m Silva, Maria Conceição Geovana Pereira da
O museu Pedro Américo e sua contribuição artística-cultural
na Rainha da Borborema na década De 1960 [manuscrito] / Maria
Conceicao Geovana Pereira Da Silva. - 2017.
38 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Prof. Ms. Aline Praxedes de Araujo,
Departamento de Historia".

1. Museu regional 2. Artistas locais 3. Memória viva I.
Título.

21. ed. CDD 708

MARIA CONCEIÇÃO GEOVANA PEREIRA DA SILVA

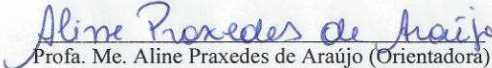
**O Museu Pedro Américo e sua contribuição artístico-cultural na Rainha da Borborema
na década de 1960**

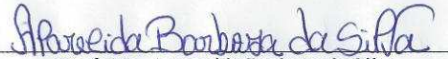
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Programa de Graduação em Licenciatura
Plena em História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de graduado em História.

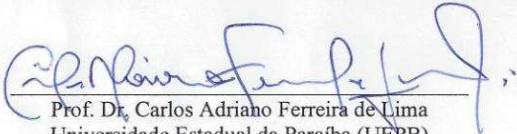
Área de concentração: História Cultural.

Aprovada em: 02/08/2017

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Aline Praxedes de Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Aparecida Barbosa da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedicatória.

Aos meus pais, essa conquista é nossa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao um Deus maravilhoso que nunca me desamparou, nas horas mais difíceis e nas madrugadas vazias estive segurando minha mão, fazendo assim, não desistir do meu sonho.

Aos meus pais, Maria das Neves Pereira da Silva e Gilvando Bezerra da Silva, pelo amor incondicional, pelo carinho incomparável e pelo estímulo de sempre lutar pelos meus sonhos.

À minha tia Maria Socorro de Araújo, que mesmo enfrentado uma enfermidade, não hesitou em me ajudar.

As minhas irmãs-amigas, Derbora Pereira de Silva e Albiege Pereira da Silva, pelas conversas sinceras, pela força dada nos momentos difíceis, amo vocês.

Aos meus colegas de classe, meus sinceros agradecimentos.

Aos meus amigos que fiz ao chegar à cidade de Capina Grande, nossa amizade me motivou para concluir o curso.

À minha orientadora Aline Praxedes de Araújo, pela paciência, pelo incentivo, pela dedicação, pelos conselhos e principalmente, pelo seu carinho.

A todos aqueles que de alguma forma me ajudaram, direta ou indiretamente, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a formação do Museu Regional de Arte Pedro Américo e sua importância na cidade de Campina Grande-PB no ano de 1960. Utilizamos os documentos do arquivo do museu enquanto fontes, o que nos possibilitou compreender a importância e visibilidade que a Rainha da Borborema representava no período. Com a chegada do museu inúmeras possibilidades são ofertadas aos artistas campinenses, assim como das cidades circunvizinhas no campo artístico cultural através das subseqüentes produções e exposições. Todavia, o museu proporcionou espaço para os artistas locais que a partir de então tem suas obras em exposição ao lado de artistas renomados como resultado do projeto arquitetado pelo jornalista Assis Chateaubriand, que proporcionou o estímulo à produção artística não apenas na Paraíba, como também em outras regiões do Brasil.

Palavras-Chave: Museu. Artistas locais. Campina Grande.

ABSTRACT

This work aims to present the formation of Regional Museum of art Pedro Américo and your importance in the city of Campina Grande-PB in the year 1960. We use the file documents the Museum as sources, which enabled us to understand the importance and visibility of Queen represented in the period. With the arrival of the Museum numerous possibilities are offered to the campinenses artists, as well as the surrounding cities in the artistic cultural field through subsequent productions and exhibitions. However, the Museum has provided space for local artists who since then have his works on display alongside renowned artists as a result of the project planned by the journalist Assis Chateaubriand, which provided the stimulus to artistic production not only in Paraiba, as well as in other regions of Brazil.

Key- words: Museum. Plaaslike kunstenaars. Campina Grande.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAP	Centro de Departamento de Artes
FURNe	Fundação Universidade Regional do Nordeste.
IBRAM	Instituto brasileiro de Museus
ICOM	Conselho Internacional de Museus.
MAC	Museu de Arte Contemporânea
MAAC	Museu de Arte Assis Chateaubriand
MASP	Museu de Arte de São Paulo
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.
URNe	Universidade Regional do Nordeste

SUMÁRIO

1	Museu, cristalização da memória viva.....	9
2	Um Museu Pedro Américo na Rainha da Borborema	19
3	Museu Pedro Américo se consolida como a casa dos artistas.....	27
4	Conclusão.....	33
5	Referências.....	35
6	Referências Documentais.....	38

1. Museu, cristalização da memória viva

Museu, lugar de lembranças, de vivências, de descobertas, de sentimentos e memórias. Durante a visita o olhar curioso pode perceber um universo de informações e histórias cercado por obras de arte que muitas vezes se tornam um conjunto de infinitas novidades. “A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história” (NORA, 1993, p. 7).

Dentre as mediações em torno da memória também destacamos a discussão de Michael Pollak (1983) sobre memória, solidificada para ser testemunho de um povo, assim como o reconhecimento de acontecimentos, guardando vestígios de um passado presente.

Nossa pesquisa surgiu a partir de inúmeras inquietações ao longo da experiência acadêmica diante das leituras sobre memória e patrimônio, em especial, nossa particular atuação no Museu Regional de Arte Pedro Américo, atualmente chamado Museu de Arte Assis Chateaubriand, onde também foi intitulado Museu de Arte de Campina Grande por um período, não conseguimos identificar ao certo o porquê das inúmeras mudanças, apenas constatamos através das pesquisas os vários nomes que o museu carregou desde sua inauguração, localizado na cidade de Campina Grande, que leva o título de Rainha da Borborema, situada no agreste paraibano, ficando a aproximadamente 130 km de distância da capital do Estado, João Pessoa. Seguindo uma escolha temporal e pessoal delimito nossa pesquisa em referir-me ao museu, usando seu primeiro nome, Museu Regional de Arte Pedro Américo.

Nosso trabalho tem por objetivo apresentar a história que envolve o Museu Regional de Arte Pedro Américo, desde sua chegada à cidade no ano de 1967, seu projeto ainda sendo arquitetado e designado, esboçando também os benefícios que trouxe junto à comunidade artística campinense.

Todavia, mostraremos a cidade de Campina Grande na década de 1960 como centro cultural. Assim como paralelamente era implantado o referido museu, mesmo não sendo nosso escopo podemos dialogar com as informações e perceber as conquistas dos artistas locais após a instalação do museu.

A criação dos Museus Regionais¹ marca o significado do ambiente museal brasileiro, pois, além de preservar, pesquisar e comunicar exemplares das artes visuais possibilita a contribuição ao acesso social de patrimônio da cultura artística, numa oportunidade sem igual,

¹ Tinha por objetivo dotar as diferentes regiões do Brasil com expressivos acervos de arte.

que permite o conhecimento e a participação do cidadão na construção da história pelo saber e fazer artístico (GOMES, 2014 p, 19).

Antes da instalação do Museu Regional de Arte Pedro Américo os artistas campinenses, assim como das cidades circunvizinhas, não usufruíam de muitos espaços para mostrar seus projetos, motivo que limitava a divulgação da arte local. Fabiana Araújo (2007) faz uma abordagem em sua dissertação sobre o Museu de Arte Assis Chateaubriand nos primeiros anos de sua implantação na pequena região do agreste, e suas atividades envolvendo educação patrimonial junto às escolas e ações com a comunidade. As atividades ali desenvolvidas como meio de sociabilidade em geral.

Para melhor compreensão iniciamos nosso trabalho apresentando a história do Museu de Arte de São Paulo (MASP), para que o leitor possa acompanhar a gênese do pensamento de Assis Chateaubriand que proporcionou a criação de um ambiente considerado polo consagrado de artista e intelectuais, mais adiante remeteremos nosso fala para a região Nordeste, onde o mesmo idealizador, desenvolveria os Museus Regionais possibilitando aos próprios moradores ideias voltadas para a cultura, ainda pouco visualizada e discutida, principalmente em torno do que seria um museu.

Esse projeto tinha como objetivo levar arte, música, literatura, educação, dança, cultura para regiões menos favorecidas, mas com um grande teor de talentos sem muito acesso ao conhecimento proporcionado por tal ambiente, essas eram algumas das propostas trazidas por Chateaubriand quando disseminou no Brasil a chamada Campanha Nacional dos Museus Regionais.

Os artistas locais eram eminentemente desconsiderados, após a configuração do museu na cidade esta situação mudou. Como podemos acompanhar pela análise de Dyógenes Gomes (2014) ao destacar o fator benéfico oferecido aos artistas buscando reflexões para a produção da cidade, assim como a valorização da arte contemporânea.

A inauguração do Museu Assis Chateaubriand, além de ser uma grande conquista para a cidade, oferecia a possibilidade de se enxergar além dos horizontes locais. Foi, de fato, o primeiro contato com a arte brasileira dos últimos cem anos e o despertar – pelo acervo estrangeiro as questões estéticas contemporâneas, permitindo daí, uma reflexão mais aprofundada do processo criativo e apontava sobre o que fazer para uma atualização adaptada às condições culturais da região. (GOMES, 2014, p. 5)

Mesmo sendo uma região pequena a área abarcava um fluxo contínuo de indústrias emergentes, assim como certo número de artistas locais, permitindo que a Rainha da

Borborema ganhasse representatividade da mesma forma que outras regiões mais desenvolvidas no Brasil.

Ao montar uma exposição, é preciso contextualiza-la, não basta colocar objetos espessos diante de um vagão, é preciso remeter a memória, a história. A memória está carregada de sentimentos coletivos e individuais. “Os lugares de memória nascem e vive do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações” (Nora, 1993, p.13)

Ao mesmo tempo em a História pode separar é nela a resposta encontrada para unir novamente, além de ser de natureza múltipla e contínua como diz Michael Pollak ao citar Maurice Halbwachs (1989, p. 01) É no museu que remetemos há passados flagelados, aos nossos antepassados, mas ao mesmo tempo a gerações futuras. Monumentos preciosos, esquecidos muitas vezes, carregam histórias em suas articulações. Uma sociedade não pode viver sem Memória, nem História.

Concordamos com Pierre Nora (1993) quando afirma que os lugares de memória nascem e vivem do sentimento, que não há memória espontânea é preciso criar mediações. Da mesma forma o Museu Pedro Américo é um espaço que passa pelo processo de seleção e construção, onde a memória é elaborada através de exposições e atividades desenvolvidas com o intuito de enaltecer a arte dos artistas locais.

Também contextualizamos com o conceito de enquadramento de memória de Michael Pollak (1989), onde ele se apropria do material fornecido pela história, os objetos que guarda informação, aqui trabalhado o monumento, museu. Além de buscar em Maurice Halbwachs (1990) articulações para desenvolver nossa pesquisa sobre memória individual e coletiva, memória essa compartilhadas por determinados grupos existentes, narrando um fato histórico através de espaços e lugares. Problematizamos com o conceito de representações da História Cultura, as novas ideias e perspectivas nesse campo teórico-metodológico.

Mediante as considerações acerca da constituição do museu no Brasil, consideramos que ele não é composto “apenas” de suas exposições e atividades, todavia seu *corpus* documental também é formado por seus arquivos, aqueles que conservam seus dados e informações das exposições, composição do corpo diretor, museólogos e assim por diante, nos possibilitando acompanhar o perfil selecionado tanto para as exposições, como para seus trabalhadores. Segundo Ana Rodrigues (2006) os arquivos nos dão suporte para acompanhar as transformações pelas quais os próprios arquivos passam ao longo da modernidade.

Ao longo da história, a conceituação de arquivo mudou em conformidade com as mudanças políticas e culturais que as sociedades ocidentais viveram; os arquivos são um reflexo da sociedade que o produz e o modo de interpretá-lo também acompanha as mudanças que ocorrem. Fatores tais como a finalidade dos arquivos ou os suportes utilizados já foram considerados como definidores do arquivo e, hoje, não o são mais. (RODRIGUES, 2006, p. 104)

Como historiadores sabemos que os arquivos, assim como quaisquer fontes que possam servir de norte para o desenvolvimento de uma leitura historiográfica, não são imparciais, tudo foi selecionado, organizado e disponibilizado com alguma finalidade, entretanto ainda podemos nos apropriar de tais elementos para considerar a perspectiva e funcionalidade histórica para tal seleção.

Ao consultar um arquivo, um pesquisador está lidando com um conjunto de documentos selecionados como relevante por alguém, organizado e preservado segundo determinada lógica, e disponibilizado de acordo com alguns critérios. (CASTRO, 2008, p. 8)

Partindo das observações e constatações de Maria Silva (2013) os arquivos dos museus levam consigo testemunho da sociedade e reflete os acontecimentos, são corpos vivos, cabe à instituição onde o acervo está inserido, preservá-lo, defini-lo como valioso e necessário, pois são eles os detectores da história perante a instituição.

Uma pesquisa documental exige do pesquisador, uma seleção apta, rígida, segura e de forma qualificada e quantitativa, usando de técnicas, métodos e lampejos para obter os resultados almejados perante o arquivo. Não se limitar diante de leituras é um passo crucial para uma boa investigação.

O uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. (Sá-Silva; Almeida; Guardani, 2009, p 2)

Vemos aqui um caráter inovador diante desse contexto cultural, e porque não falar de um contexto revolucionário diante do que Campina Grande compõe um cenário atual. Adriana Almeida (2009) cita alguns dos marcos significativos e marcantes para a cidade desde as primeiras composições envolvendo o campo da arte, entre eles encontramos o Museu de Arte Pedro Américo.

Com relação às artes plásticas de Campina Grande, alguns momentos são significativos para a época, entre eles: a criação da Escola de Arte, em 1953; a construção do Teatro Municipal, em 1963, tornando-se o principal apoio para as manifestações culturais da

comunidade; a realização do Centenário de Campina Grande, em 1964, com diversas atividades artístico-culturais; e a implantação do Museu de Arte de Campina Grande em 1967 (ALMEIDA, 2009, p 10).

Nosso segundo capítulo intitulado “Museu Pedro Américo na Rainha da Borborema” Percorre a chegada do museu na cidade Campina Grande-PB em 1967, a inauguração com presenças ilustres de várias celebridades locais e regionais, do mesmo jeito da inauguração do MASP, considerado um dos maiores da América Latina, qual instituição ficou responsável por sua direção na época, seu primeiro diretor, o envolvimento que tinha com a arte, principalmente local e a primeira exposição do museu em terras paraibanas são alguns apontamentos que responderemos no capítulo, assim como os artistas que contemplaram essa experiência e as propostas que são enviadas de imediato para a criação do museu.

O capítulo “Museu Pedro Américo se consolida como a casa dos artistas” discute o impacto cultural ocasionado com a chegada do museu na Rainha da Borborema, o que a cultura local nos apresenta destacando os artistas locais e as suas linhas de trabalho, as mudanças que o museu trouxe para os mesmos após sua chegada. Jorge Coli (2004) traz a Arte como um aparato cultural, instalando-se em nossa sociedade, através de objetos e até mesmo de discursos e como se deu a participação da população com a chegada do museu.

O historiador é aquele que, a partir dos traços deixados pelo passado, vai em busca das descobertas do como aquilo teria acontecido, processo este que envolve urdidura, montagem, seleção, recorte, exclusão. (PENSAVENTO, 2005, p. 53)

Museu, lugar de discursos, narrativas, acolhimento, manifestações culturais e porta de entrada para o conhecimento em geral, eles carregam um papel importante consigo, de fundamentar conceitos, críticas e reflexões sobre a sociedade e suas transformações. Podemos “simplificar” como um espaço de encontro, aprendizagem e aprimoramento de técnicas.

Os *museus* oriundos da palavra *mouseion*, que originara do templo das nove musas na Grécia antiga, filhas de Zeus e Mnemosine, conhecida como divindade da memória, e tinha como função habitual o encontro de artistas e literários para estudos (JULIÃO, 2001 p.14) Com a revolução francesa, conseguimos ver com mais exatidão e aprimoramento, coleções de objetos em um ambiente fechado, mas precisamente entre os séculos XIII e XV transformações ascendentes.

Ela trouxe consigo além dos ideais que foram base para suas reformulações, (liberdade, igualdade, fraternidade), também embalou a onda de museus, assim consolidando

no século XIX, instituições na Europa, lugar de guardar objetos, memórias e ambiente de interação cultural. Esses museus não eram lugar de visitas, nem eram abertos para as classes menos favorecidas, nem tinham a visão que temos hoje sobre esse lugar, a classe nobre, a chamada elite como traz a autora Letícia Julião em sua tese, quem detinham todo o privilégio:

Muitas dessas coleções que se formaram entre os séculos XV e XVIII e se transformaram, tal como hoje são concebidas. Entretanto, na sua origem elas não estavam abertas ao público e destinava-se a fruição exclusiva de seus proprietários e de pessoas que lhes era próximo (JULIAO, 2001, p.20).

A ideia de colecionar objetos e artefatos veio se desenvolvendo no decorrer do tempo, os egípcios foram um dos responsáveis por colecionar objetos muitos deles preciosos. De acordo com Luis Fernandez, (1993, p.48-62) a Grécia foi encarregada de construir as bases de uma invenção de museu, que os povos europeus séculos depois disseminariam aos demais países.

O colecionismo era visto como um *hobby*², segundo Marlene Suano (1986, p 12) a formação da coleção dos objetos é tão antiga quanto à criação do homem na terra, o colecionismo surgiu na forma de salvar, guardar, eternizar significados de um tempo longínquo, a autora refere-se ao colecionismo como, recolher objetos de um tempo para que outras gerações futuras possam compreender o passado. Os museus são portadores de ações junto à comunidade, são porta voz daqueles que se rejeitam a falar, são dessas instituições os levantes positivos. Segundo Araújo:

Difundir um discurso nacionalista através das narrativas apresentadas pelas exposições, a esse era a missão atribuída a esses espaços, institucionalizados com a função objetiva de democratizar o acesso aos bens (...). (ARAÚJO, 2007, p. 21)

A Europa se consolidou ao longo do tempo como um país de maior detector de museus e artistas, ditando regras e posicionamentos para os demais países, primeiramente o que se esperava desse lugar, o museu, era transmitir a história de seus antecessores, heróis da nação, lutas e conquistas e lógico o civismo aos seus habitantes, muitas dessas obras que se encontra na Europa foram adquiridas na época da colonização, a Europa foi uma das que mais adquiriram terras durante esse período colonizador (JULIÃO, 2001)

² Hobby, um passatempo, ou seja, uma atividade que é praticada por prazer nos tempos livres.

O museu do Louvre³ é uma das mais belas conquistas no campo da museologia, sendo basicamente o pioneiro de tudo que conhecemos em termo de museu hoje, com um acervo imaginável, rico não apenas em objetos, mas em história. Mario Chagas discute:

(...) exalta a civilização, realiza o elogio da nação e destaca a sua participação no concerto universal como herdeira dos valores clássicos ocidentais e para isso privilegia as obras de artes consagradas colocando ao seu lado, posteriormente, artefatos de povos “primitivos” e de países colonizados. (CHAGAS, 2011, p. 06)

Entre os nomes que fazem parte do museu do Louvre, encontram-se artistas famosos como Caravaggio,⁴ Rafael Sanzio⁵, e Ticiano Vecellio⁶, entre outros nomes, com suas formas expressivas, identidades e técnicas próprias, ganharam fama e admiradores em toda parte do mundo. Foram coleções particulares de grandes nomes da época como Elias Ashmole⁷ que deram contornos expressivos para a composição dos museus que conhecemos hoje. Os Estados Unidos também se intitulam como um dos pioneiros no ramo da museologia que conhecemos hoje. O Brasil, com a chegada da família real, em 1808, trouxe novas perspectivas com as visões de cultura e belo que circundavam a Europa. (JULIÃO, 2001)

No ano de 1818 Dom João VI trouxe o museu para o Brasil como instituição científica, com características e funções regionais, além de representar ensinamentos, assim nasce o Museu Real (hoje Museu Nacional) tendo como primeiro diretor Frei José Batista da Costa Azevedo. “O próprio regente doou a primeira coleção de História Natural”. (LARCAN, 2008, p, 78). Esses artefatos contavam com objetos indígenas, animais empalhados, além de conter alguns produtos naturais, essa era a proposta submetida.

Outros museus do século XIX são o Museu Paraense Emílio Goeldi⁸ e o Museu Paulista⁹. Esses três museus compunha uma lista de principais museus, sendo estes os primeiros e principais da época.

(...) XIX e início do século XX representaram a produção do conhecimento científico e desenvolveram processos museológicos específicos, adaptando modelos internacionais à realidade nacional. (Considera, 2011, p 01)

³ O Louvre está localizado na Itália, sendo o primeiro museu público, criado em 1793, com coleções de artefatos acessíveis para todas as classes sociais, e visitas gratuitas e com uma roupagem diferente dos demais. E hoje conta com mais de 35 mil obras expostas.

⁴ Michelangelo Merisi, (1571-1610). conhecido como Caravaggio,.

⁵ Rafael (1483-1520) foi um mestre da arquitetura e da pintura da escola de Florença.

⁶ Ticiano Vecellio,(1488- 1576) um dos principais representantes da escola veneziana.

⁷ Elias Ashmole, colecionador de artefatos e curiosidades, muitos adquiridos através do viajante, botânico e colecionador e Jonh Tradescant, onde a maioria das foram doados para a Universidade de Oxford e onde criou o Ashmolean.

⁸ Criado em 1866 na cidade de Belém no estado do Pará.

⁹ Criado em 1894 na cidade de São Paulo, já no período republicano.

Esses museus tinham uma conjuntura diferenciada, seguia uma linha de propostas etnográficas e que tentava levar para os seus acervos, serviços voltados para a educação social, sendo assim uma estratégia usada para aproximar o museu do alvo principal, o público.

Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (1892-1968), paraibano da cidade Umbuzeiro- PB, jornalista, intelectual, embaixador, empresário e atuante no campo da política (Ana Lima 2001). Inicia em 1947, na cidade de São Paulo, um dos mais belos monumentos da atualidade, com ideias conceituas dinamizando com as transformações que estavam surgindo no campo museológico, o Museu de Arte de São Paulo, o MASP.

Em viagem ao Rio de Janeiro, pouco antes do projeto, conheceu Pietro Maria Bardi¹⁰, crítico de arte na Itália e recém chegado no Brasil, acompanhado de sua esposa, Lina Bo Bardi¹¹, arquiteta e graduada em Roma, para a finalização do museu, a participação de ambos envolveu inúmeras exposições e notícias que circularam o mundo (STRADIOTTO, 2011, p 25).

O MASP foi um dos primeiros e grandes projetos entre esse grupo, inaugurado na data 2 de outubro de 1947, na cidade de São Paulo, Chateaubriand foi um grande incentivador e idealizador de projetos voltados para o campo cultural e social, assim Alice Benevuti salienta:

O MASP não foi pioneiro apenas na constituição do acervo com obras internacionais de artistas consagrados, mas também foi o pioneiro para o estudo dos artistas do Brasil. (BENEVUTI, 2004. p, 56)

O sobrenome Chateaubriand de certa forma alcançava níveis superiores de doações para os museus, dono de meios de comunicações como jornais e emissoras, também teve seu nome envolvido na área política, ocupou o cargo de Senador e embaixador, sua vida midiática proporcionava certo respeito diante da sociedade brasileira, o próprio oferecia aqueles que o ajudava, espaços em seus jornais e nas emissoras de televisão em troca de favores, Chateaubriand inovou ao levar para esse espaço museológico aparatos que lhe permitiu a atuar como centro sócio cultural. O próprio Chateaubriand foi um dos colaboradores, comprando e doando-as para o museu. (ARAÚJO, 2007)

Detendo uma posição de poder e notoriedade na sociedade brasileira era temido por seus pares por não se acanhar em fazer uso de medidas drásticas para obter apoio aos seus projetos (...). (STRADIOTTO, 2011, p 22)

¹⁰ Nasceu em La Spezia, pequena cidade italiana no Golfo de Gênova (1900-1999).

¹¹ Nasceu na Itália, Lazio, Roma, se formou em Arquiteta em Roma (1914-1992).

A inauguração do museu, contou com a presença de vários nomes importantes da sociedade local, artistas e intelectuais, inclusive o governador do Estado de São Paulo Adhemar de Barros (1901-1969). Entre os artistas com obras já consagradas que fizeram parte da abertura do museu, estavam expostas obras de Anita Malfatti¹² Candido Portinari¹³ além de outros nomes renomados no campo da arte moderna. A inauguração aconteceu em quatro andares do edifício dos Diários Associados na rua 7 de Abril, e a primeira exposição da série Artes Industriais,¹⁴ a Exposição da Cadeira, é aberta em 14 de setembro de 1948, com grande entusiasmo. “O MASP era um espaço de diálogo entre o passado e o presente nas artes, de convívio entre a pintura, a escultura, a gravura e outras técnicas artísticas” (Politano, 2009, p. 341).

O MASP foi o primeiro grande passo museal para o Brasil, seu idealizador Chateaubriand, ainda não estava satisfeito com tal obra arquitetada, queria desenvolver mais nesse campo museológico, levando mais que cultura propriamente dita. Surge então um projeto, Campanha Nacional dos Museus Regionais.

Como havia mencionado anteriormente, Chateaubriand junto com Yolanda Penteadó¹⁵ (1903-1983) foram os responsáveis pela Campanha que tinha como objetivo dissuadir nas grandes cidades os museus como portadores de conhecimento e conduzir este significado para pequenas regiões sem grande valorização cultural.

A campanha não atingiu apenas a região nordeste, como é de se pensar de primeiro momento, devido à ideia original da Campanha, de levar os museus para regiões menos favorecidas no campo cultural da arte, no primeiro momento, ela percorreu o Brasil, chegando a Minas Gerais, em 1965, e a Belo Horizonte, em 1966. No Nordeste, a Campanha instalou-se em três estados, Paraíba na cidade de Campina Grande, em Pernambuco na cidade de Olinda e na Bahia.

O Museu de Arte Contemporâneo de Pernambuco (MAC) foi o primeiro da Campanha a ser inaugurado, em 23 de Dezembro de 1966, em prédio histórico da cidade de Olinda, o acervo de início contou com cerca de cento e sessenta e cinco obras de arte, às coleções contava com nomes importantes, artistas renomados David Hockney, o paraibano Pedro

¹² Anita Catarina Malfatti nascida em São Paulo,(1889-1964) foi uma pintora, desenhista, gravadora e professora brasileira. Movimentos que seguia, modernismo e impressionismo, como O farol.

¹³ Candido Torquato Portinari 1903 -1962) foi um artista plástico brasileiro. Pintou quase cinco mil obras como o Lavrador de café.

¹⁴ Exposição cronológica do desenvolvimento das formas da cadeira no Museu de Arte.

¹⁵ Nasceu em de 6 de janeiro de 1903, socialite e pertenceu à uma das famílias mais tradicionais do Brasil, organizou a primeira Bienal de São Paulo em 1951, além de ter sido peça chave na implantações dos museus regionais .

Américo, Décio Vilares, além dos artistas locais um ponto chave da Campanha, como o artista já conhecido Talles Júnior. (GOMES, 2014, p 17)

O Museu Regional de Feira de Santana na Bahia foi o próximo a ser inaugurado, em 26 de Março em 1967 com cento e oitenta obras para seu ponta pé inicial, o acervo destinado a esse museu contava com obras de artistas modernos brasileiros e com um gral considerado no campo da arte, Di Cavalcante, Vicente do Rego Monteiro e também contava com os artista advindo da própria região, Genaro de Carvalho, Carlos Basto (GOMES, 2014).

Finalmente as expectativas acabaram, o próximo museu a ser inaugurado seria o da cidade de Campina Grande na Paraíba em 1967, intitulado Museu Regional Pedro Américo.

2. Um Museu Pedro Américo na Rainha da Borborema

Na década de 1960, a Rainha da Borborema viveu tempos de modernização no campo da arte, mesmo antes da inauguração do Museu Regional de Arte Pedro Américo, em 1967, com uma imensa festa, contou com várias personalidades importantes da sociedade brasileira.

Esse museu foi um dos frutos da Campanha de Chateaubriand, de levar arte e cultura a municípios distantes das metrópoles, onde se localizavam os grandes centros culturais. Durante aquele período a cidade comportava alguns movimentos artísticos, sem muita repercussão, grupos de jovens que se encontravam com ideias a respeito da cultura campinense.

Entretanto, nada se comparava a grandiosidade de um museu voltado para a exaltação da arte local, fator que chamou a atenção de seus contemporâneos de forma como até aquele momento não havia conseguido atingir.

Paralelamente, a cidade era contemplada não apenas com o museu, assim como em diversos pontos da área urbana ganhavam prédios novos projetados com uma moderna arquitetura, entre as edificações temos a criação da Universidade Regional do Nordeste (URNe) em 1966, a confluência de tantos elementos fez com que a década de 1960 fosse considerada de apogeu (Freire, 2007).

O teatro municipal Severino Cabral (1962-63) se transformou em palco de manifestações culturais, local de encontros e discussões de artista campinenses, neste mesmo local também foi realizada uma exposição de Arte em comemoração ao aniversário da cidade, pelo seu centenário, neste mesmo ano consta a inauguração do Cinema de Arte do Cine Capitólio, entre outras conquistas advindas do meio intelectual da cidade (GOMES, 2013). Além das outras conquistas já citado no primeiro capítulo.

Vemos assim movimentos que aos poucos tomaram proporções significativas e influentes, oriundas de lutas por espaços de sociabilidades tão almejados por aqueles que buscavam maior significado ao se pensar em Arte, mesmo em uma época conturbada, onde nos lembramos do contexto histórico que precedia o Regime Militar¹⁶ no Brasil.

Em Campina Grande-PB, esse projeto só teve êxito graças ao apoio e empenho da Universidade Regional do Nordeste- URNe, e da prefeitura municipal de Campina Grande.

¹⁶ Um ato caracterizado pela tomada do poder de um país por suas forças armadas em um golpe de Estado, instaurando um regime de ditadura militar, no Brasil foi de 1964-1985.

Em histórico sobre a criação do museu, localizado no acervo do próprio, encontramos uma escrita onde identificamos as expectativas que antecederam esse fato.

Àquela época, um museu de arte em Campina Grande era reivindicação antiga daqueles que participavam intensivamente do movimento Cultural da cidade. Nos anos 60, a cidade já contava com o clima adequado para a instalação de um museu, a escola de artes, exposições em espaço universitários- com expressiva produção de novos artistas plásticos...¹⁷

A inauguração do mais novo museu da Campanha veio com euforia e satisfação em 20 de Outubro de 1967 em uma tarde clamorosa, com uma grande solenidade, contanto com vários discursos de personalidades importantes da sociedade paraibana e brasileira. Estavam presentes os governadores da época, João Agripino (1914-1988) Tranquedo Neves (1910-1985), Joao Calmon (1916-1999), diretor dos Diários Associados, entre outros nomes, além da multidão vibrante que se aglomerava em frente ao Museu a espera de sua abertura oficial. Em reportagem do *Jornal da Borborema 1967*:

Campina Grande viveu no dia de ontem um dos mais bonitos de sua vivência sócio-artístico cultural quando da inauguração do Museu Regional de Arte “Pedro Américo”, iniciativa conjunta da Campanha Nacional de Museus Regionais, presidida por Dona Penteado sob o patrocínio do jornalista Assis Chateaubriand e a Universidade Regional do Nordeste e Prefeitura Municipal de Campina Grande. O ato inaugural, por sua importância, contou com a presença de destacadas personalidades do mundo social, político, artístico e cultural de Campina Grande, da Paraíba e do País¹⁸.

Como podemos acompanhar na citação, o dilema foi o local para instalação do museu e seu acervo em Campina Grande. Entre os lugares arquitetônicos já consagrados, havia a sede da reitoria da Universidade Regional, lugar escolhido foi o Grupo Escolar Sólon de Lucena, o prédio datava do ano de 1924, com uma arquitetura ecletista¹⁹ e neoclássica²⁰, a escolha ainda seria bastante discutida, vista que o local escolhido apresentava fragilidades em seu interior, algumas mudanças foram realizadas, mas ainda não era suficiente. Em matéria do *Diário da Borborema de 1967*, constatamos a real situação “essa reforma não foi suficiente para dar ao museu condições adequadas e necessárias para sua instalação. As salas de exposições eram pequenas, o prédio não dispunha de espaços para realização das outras atividades de um museu”. Mas a parte das discussões, esse foi o escolhido.

¹⁷ Documento encontrado em uma pasta preta no arquivo do MAAC, intitulada, Breve Histórico, ainda não classificada.

¹⁸ Arquivo do museu, recortes de jornais sobre a criação do MAAC, caixa 01, datada de 1966/1969.

¹⁹ Tendência artística, com misturas de estilos e formas, caracterizando uma nova linguagem artística, usada a partir do século XIX.

²⁰ Movimento cultural onde propõe discussões de valores clássicos, com processos e técnicas avançados usada a partir do século XVIII.

A Administração ficou sob a responsabilidade da Fundação Universidade Regional do Nordeste - FURNe, antiga URNe. Cabia a ela preservar, pesquisar, desenvolver projetos e da continuidade ao trabalho designado por seu idealizador. Em documento ²¹da década de 1980 consta as responsabilidades cabíveis ao reitor da URNe:

- Ampliação do acervo
- Desenvolver gestões junto às fontes pertinentes, no sentido de conseguir, pela forma que melhor atenda aos interesses da Universidade, recursos materiais e humanos que propiciem o melhor desenvolvimento das finalidades do Museu de Arte;
- Contactar com os setores competentes da União, do Estado e do Município, com órgãos e Empresas privadas, no sentido de manter permanentes e dinâmicas as atividades artísticas e culturais do Museu;
- Representar a Universidade Regional do Nordeste junto à prefeitura municipal de Campina Grande, no que diz respeito a constituição e administração do complexo cultural de Campina Grande, do qual o Museu é parte integrante.

Com base contextual identificamos o Museu Regional de Arte Pedro Américo como uma instituição desencadeadora de memórias, seja através de suas exposições ou projetos desenvolvidos. Ana Rodrigues aponta algumas ações museológicas, pautadas em testemunhos.

O museu, sendo denominada como uma instituição de memória apresenta algumas ações museológicas como coletar, registrar, catalogar, classificar, registrar e salvaguardar objetos que representam testemunhos históricos que contextualizam uma época, fatos, vidas e cotidianos, refletindo, dessa forma, à sociedade do período. (Rodrigues 2010, p 215)

Além do prédio, também veio à escolha da equipe que estava responsável pelo projeto na cidade, era notório a preocupação nos cargos assumidos, a responsabilidade empregada em cada um dos integrantes.

Além da equipe que esteve presente no MASP, Yolanda Peteado, presidente nacional da Campanha, o casal Bardí, amigos de Chateaubriand, o Museu Pedro Américo receberia ajuda dos artistas local, em sua direção foi escolhido, Raul Córdula Filho, seu primeiro diretor, Francisco Pereira Junior, integrantes do Equipe 3, que vamos falar no próximo

²¹ Portaria/URne/GR/80, Documento do Reitor da Universidade Regional do Nordeste, no uso de suas atribuições.

capítulo, Drault Ernanny empresário paraibano um dos executores do Projeto, empresário e amigo de Chateaubriand, Jean Boghici dono de galerias de artes, Newton Rique, além do apoio do prefeito Willian Arruda (1922-2001) e o então reitor da Universidade Edvaldo Souza de Ó. Nessa mesma época Assis Chateaubriand encontrava-se com problemas de saúde, deixando-o impossibilitado de está presente diariamente nas instalações do museu, e até mesmo no dia de sua inauguração, sua equipe e os demais foram essências nesse processo de organização e implantação da instituição na cidade.

O compromisso de um museu com a sociedade abrange um campo consideravelmente gigantesco, as finalidades exercidas compreendem significações profundas, vejamos o seu papel como um bem cultural, como um patrimônio histórico, além de ser responsável por guardar em seu leito, expressões e formas.

Alcides Carneiro²² ministro na época, recebe a missão do próprio Assis de discursar na solenidade de abertura do museu, pois o próprio encontra-se com problemas de saúde e não pode comparecer a festa, coube ao ministro orar, dando-lhe boas vindas ao Pedro Américo, exaltando em palavras a imagem de Assis como um bom filho, que não esquece sua terra, generoso com seus feitos, intelectual, sonhador, gênio e portador de alegrias, terminado ao som de aplausos fortes e calorosos.

Em sua frase, “Tudo o que nasce em Campina tem futuro”, *Diário da Borborema, 1967*, Carneiro expressa com toda clareza e sutileza de um bom orador suas expectativas geradas em torno desse espaço artístico cultural campinense, elevando a Arte como um instrumento de comunicação do artista que fascina todas as gerações.

Também não esteve presente a presidente da Campanha dos Museus dos Regionais, enviando em seu nome o Ministro João Lyra Filho, onde também discursou elevando a imagem do museu como um elemento perfeito para a cidade e toda região, trazendo um desenvolvimento cultural e revolucionário. Em artigo de jornal encontramos a data de inauguração inicial, prevista para o mês de Agosto, onde devido a constantes imprevistos não aconteceu:

O museu de Arte de Campina Grande, mais uma iniciativa do embaixador Assis Chateaubriand, será inaugurado a 10 de Agosto pelo Presidente da República, marechal Arthur da Costa e Silva, que para lá viajará justamente com vários ministros²³.

²² Arquivo do museu, recortes de jornais sobre a criação do museu, caixa 01, datada de 1966/1969.

²³ Arquivo do museu, recortes de jornais sobre a criação do museu, caixa 01, datada de 1966/1969.

O Museu Regional de Arte Pedro Américo só inaugura em Outubro com um acervo contando com obras doadas pelo Brasil inteiro, onde enriqueceram a galeria do museu. Contando com vários movimentos artísticos de épocas distintas.

Foram enviadas pinturas, esculturas entre outras técnicas de diferentes movimentos, Academismo Neoclássico do século XIX, Vanguarda, Modernismo, contemporâneos e expressionistas. Relíquias do próprio Pedro Américo, ícone da pintura paraibana, natural da cidade de Areia-PB, Di Cavalcante²⁴, Antonio Dias²⁵, Raul Córdula Filho²⁶, artista campinenses, Cândido Portinari²⁷, Carlos Bastos²⁸, Presciliano Silva²⁹, entre os outros nomes consagrados.

Durante a pesquisa nos deflagramos com o entusiasmo gerado em torno da inauguração, os vários momentos divulgados em publicações dos jornais locais e de outras regiões, atualizando sempre o seu leitor a chegada das obras, mesmo depois de sua inauguração. *Diário da Borborema*:

O museu de Arte de Campina Grande continua recebendo objetos antigos, raros e de valor histórico que são doados pelas famílias campinenses e de outras cidades, para complementação do seu acervo. A última destas doações foi feita pelo Sr. Solon de Souza Lima.³⁰

Os meios de comunicações, principalmente aqueles administrados por Chateaubriand, foram essenciais para a divulgação do museu, desde o começo, mesmo antes de sua chegada, quando ainda era projeto já se divulgavam suas notícias, desde os nomes dos quadros doados que estavam compondo o acervo, os horários de funcionamento e as novas exposições montadas no museu.

Através das leituras dos artigos dos jornais do próprio acervo, também identificamos a falta de identidade do museu, vejamos os vários nomes que teve em um curto prazo de funcionamento, e até mesmo antes de sua inauguração. Museu de Arte de Campina Grande, continua recebendo doações *Diário Da Borborema 1968*:

²⁴ Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo (1897-1976), mais conhecido como Di Cavalcanti, foi um pintor modernista e desenhista brasileiro.

²⁵ Antônio Manuel Lima Dias, mas conhecido com Antônio Dias, paraibano e artista plástico brasileiro.

²⁶ Raul Córdula Filho artista paraibano, pintor e crítico de arte.

²⁷ Cândido Torquato Portinari (1903-1962) foi um artista plástico brasileiro.

²⁸ Carlos Bastos nasceu em 1947 em Lisboa, e um fadista português. Onde faz parte de vários agrupamentos de Pop/Rock dos anos 60.

²⁹ Presciliano Atanagildo Isidoro Rodrigues (1883-1965), mas conhecido como Presciliano Silva e foi um pintor brasileiro.

³⁰ Arquivo do museu, recortes de jornais sobre a criação do MAAC, caixa 01, datada de 1966/1969.

O museu de Arte de Campina Grande vem atingindo, aos poucos o seu objetivo, qual seria? O de despertar o interesse pelas artes plásticas em nossa região. A entidade criada por Assis Chateaubriand está atraindo artista até agora obscuros (...).

De certa forma essas mudanças, acabaram ocasionando desconfianças em torno da notícia exposta no artigo, gerando dúvidas do verdadeiro nome, se estava falando do mesmo museu da Campanha Regional presidida pela Sr.^a Yolanda. Observamos na publicação o museu datado de 1967, o Museu de Arte de Campina Grande, matéria publicada um mês após sua inauguração com o nome Pedro Américo.

O *Diário De S. Paulo*, também traz um artigo sobre o museu como, Museu de Arte de Campina Grande.

O Museu de Arte de Campina Grande, na Paraíba, cuja inauguração será em Setembro –p. futuro, acaba de ser enriquecido com nova e valiosa doação feita pelo sr. Erminio Ometto, incentivador de Arte. O mais novo dos museus organizados pela Campanha dos Museus Regionais presidida por d. Yolanda Penteado, contará agora com uma obra de Vicente do Rego Monteiro, importante artista pernambucano porem pouco conhecido no sul do país.³¹

Mas sem sobras de dúvidas entre todas as obras que foram doadas por seus *padrinhos*³² para compor a primeira exposição do museu, o quadro mais esperado foi o de Portinari, *Correio da Paraíba, 6 de Setembro de 1967*:

Em telegrama que dirigiu ao prefeito Willians Arruda o jornalista Assis Chateaubriand, diretor geral dos Diários Associados, comunicou haver um engenheiro Mauricio de Alencar, dirigente da Campanha Metropolitana de construção, feito a doação de um dos mais célebres quadros do pintor Candido Portinari ao Museu Regional de Campina Grande³³.

Maria Lourenço (1999) qualifica a doação do quadro ao museu Pedro Américo, como um jogo de estratégias de ambas as partes envolvidas, usando os meios de comunicação do próprio presidente da campanha, para exaltar a doação e seu doador Alencar, e assim chamar a atenção para novos investimentos e doações a instituição mencionada.

Apesar dos investimentos significados já existentes nos dias atuais, das quebras de rupturas e conceitos no campo museal, ainda sobre espaço para mais dinamização, mais procura do público, mais incentivo nos manifestos culturais artísticos, mais produção artística procurando inovar, diversificar e contextualizar.

³¹ Arquivo do museu, recortes de jornais sobre a criação do MAAC, caixa 01, datada de 1966/1969.

³² Nome dado há personalidades que doaram obras de arte aos museus da Campanha de Museus Regionais.

³³ Arquivo do museu, recortes de jornais sobre a criação do MAAC, caixa 01, datada de 1966/1969.

Através da visitação a um museu conseguimos perceber o lugar social onde está inserido, seus costumes, suas tradições, sua história, suas experiências e principalmente sua preservação patrimonial.

No século XX novas propostas de melhorias de funcionamentos entram em vigor, a criação do ICOM³⁴, que tinha como objetivo discutir, formalizar procedimentos e práticas profissionais na área de museus, onde está vinculada a UNESCO³⁵.

Transcreve Alissandra Cummins (2013) O ICOM surgiu como peculiaridade de desenvolver subsídios de normas profissionais e atender principalmente os encaixes surgidos no setor museológico, ocasionadas muitas vezes pela falta de políticas voltadas às instituições, seu papel necessariamente cabia em desenvolver estratégias para dá suporte aos museus e seus profissionais.

Segundo a pedagoga Fabiana Araujo (2007), o Ministério da Cultura implantou em 2003, uma política no Brasil, o projeto visava a revitalização das unidades museológicas, definindo padrões e funções.

Também foi criado em 2009 o IBRAM³⁶, seu intuito era formular ações para todos os museus brasileiros, desenvolver projetos para melhorias do ambiente, criações de políticas para aumentar visitas nas instituições, além de promover e estimular ações voltadas a preservação do patrimônio museológico³⁷.

Com a inauguração do Museu Pedro Américo ficou evidente a preservação da memória do monumento que estava inserido e da história que compunha todo o lugar, pois o prédio que esteve instalado era uma junção do antigo e do moderno, onde intercrucava com o espaço urbano.

A origem dos museus se confunde com o crescimento das cidades, pois trata-se de uma instituição urbana por excelência. Ao mesmo tempo em que sua história se mescla com a história das cidades, o sentido de tempo, preservado em seus interiores, mesmo em museus contemporâneos (em projeto e acervo) mantém-se, muitas vezes, inalterado. Assim é possível afirmar que o lugar abriga possibilidades de ser, a um só tempo, relacional, indenitário e histórico. (Junior, 2007, p. 15)

Segundo Pensavento (2005) a Nova História Cultural, possibilitou uma nova dinâmica, uma renovação, uma concepção voltada a estudar e trabalhar o conceito de cultura, a postura adquirida a partir desse momento era trabalhá-la como uma forma de expressão. Visando novos conceitos e novos campos teóricos, respondendo indagações da própria sociedade. Nas

³⁴ Conselho Internacional de Museus.

³⁵ Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

³⁶ Instituto Brasileiro de Museus.

³⁷ <http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/o-ibram/>. Acesso em 22.12.2016.

mudanças epistemológicas que ocorreram o conceito de *Representação* se integra como uma categoria essencial e central da História Cultural. Cabia a essa nova categoria expressar discursos, imagens, ritos, etc. Apropriamo-nos de tais considerações para alicerçar nossa fundamentação num diálogo acerca do espaço urbano e sua modernidade a partir do meio museal.

Uma cidade é objeto de muitos discursos, a revelar saberes específico ou modalidades sensíveis de leituras do urbano: discursos médicos, políticos, urbanísticos, históricos, literários, poéticos, policiais, jurídicos, todos a empregarem metáforas para qualificar a cidade. Uma cidade é também é objeto de produção de imagens- fotografias, pictóricas, cinematográficas, gráficas- a cruzarem ou operem sentidos sobre o urbano. (PENSAVENTO, 2005, p. 80)

Roger Chartier (1990) intitula a Nova História Cultural como sendo renovadora, respondendo questionamentos e abrindo novos campos teóricos-metodológicos, usando o conceito de representação, prática e apropriação, através de discursos que circulam nas cidades, reflexões da sociedade que vivemos e a simbologia que cada grupo carrega em si.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as fotjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p.17).

Esses espaços urbanos, de forma geral, também estão inseridos automaticamente em um processo de evolução contínua, ou seja, estão sempre passando por modificações sujeitas a experimentos satisfatórios ou não aos seus próprios moradores. Uma busca incansável, implacável ocasionada pela sociedade moderna em si, ela por se mesmo expressa através de regras e modelos o seu tempo vivido. A cidade moderna se encaixa em um elo bem maior que uma arquitetura refinada, é importante lembrar que sua memória permanece intacta, materializada, mesmo com essas mudanças ocorridas.

3. Museu Pedro Américo se consolida como a casa dos artistas

Nosso trabalho reconhece a cidade de Campina Grande enquanto um lugar que seguia as modificações de seus coevos que vivenciavam a modernidade. A cidade do agreste paraibano é vista como instrumento de capitalização da preservação da memória, construindo gradativamente sua história, estabelecendo diversas formas do seu cotidiano.

A construção da história de uma cidade pode ser realizada, partindo de vários vieses, pois a mesma pode ser pensada de forma diversa, por existirem diversos ângulos que nos possibilitam conceber esse corpo complexo. Nos últimos tempos tem-se escrito a história do cotidiano das cidades pensando nela como uma questão ou problema, um espaço de memórias múltiplas e como um documento-monumento a ser lido. (Matos 2002, *Apud*, Maria Silva 2011, p. 3)

Segundo Júlio Oliveira (2011), a cidade de Campina Grande, no século XX, se desenvolve e se consolida como centro urbano através de suas atividades comerciais, principalmente com a comercialização do seu principal produto, o algodão, assim gerando desenvolvimento econômico para a cidade, situado segundo o autor, em um lugar privilegiado geograficamente favorecendo assim suas atividades de expansionismo.

Constatamos Campina Grande no século XX dando seus primeiros passos ao sucesso, como centro urbanístico, cidade do desenvolvimento, da prosperidade além de uma cidade acolhedora para aqueles que buscam aqui ficar. Também levando em consideração todas as dificuldades que ela enfrentou, direta ou indiretamente, não se deixou entrar em colapso, mostrando mais uma vez, seu potencial como cidade e principalmente, cidade onde a arte também fez morada.

Com os avanços alcançados pelos artistas paraibanos, a Paraíba encontra-se motivada pela onda de artes plásticas, suas propostas, sua visão e suas mudanças. Segundo Margarete Aurélio e Alana Sá (2004, p 5 - 10) “O caderno, as artes visuais da Paraíba na sala de aula”, as primeiras mediações sobre o pensamento artístico na Paraíba desenvolveram-se a partir das pinturas do artista paraibano Francisco Aurélio de Figueiredo e Melo (1856 -1916), por volta do ano de 1913, ano de sua chegada à cidade, Joao Pessoa. Uma das primeiras exposições exposta na cidade marca a data de 1924, denominada Salon Felipea , onde era composta basicamente por cenas urbanas, paisagens , retrato, uma onda regionalista, no mesmo embalo também dinamiza o cinema, a fotografia, a caricatura, ainda pouco usada como arte aqui na cidade. Em 1947 veio a criação do Centro de Departamento de Artes (CAP), sua instalação foi em um prédio no centro da capital e sua principal proposta era o ensino da arte livre, onde

mais tarde o grupo Tomas Santa Rosa e o Departamento de Cultura da UFPB dariam continuidade a essas propostas.

A chegada de Figueiredo a capital paraibana, a exposição ocorrida da década de 1920, entre outros acontecimentos, sem dúvida acelerou a projeção artística da Paraíba. Esses movimentos artísticos, e a criação do CAP, veio para dar continuidade tudo aquilo almejado pelos artistas antes daquele período. Entre os nomes importantes dessa primeira leva, nos deparamos com, Olívio Pinto (1897 – 1980), Frederico Falcão (1892 -1957), João Pinto Serrano, Amelinha Theorga e Voltaire D'Ávila, entre outros.

Mas nem uma década se compara com os anos 1960, considerado por críticos, como sendo uma década memorável, produtora de vários acontecimentos históricos ao redor do mundo, no Brasil se caracteriza como ano de movimentos sociais, mudanças comportamentais da sociedade de diante de posturas tradicionalistas, desafiando aqueles que carregavam o poder, o surgimento de movimentos idealistas, movimentos feministas, e principalmente mudanças no campo político, além de ser ano do apogeu na música brasileira, na arte e na cultural, O chamado, *Anos Rebeldes* se caracterizou como um ano turbulento.

Nessa mesma data destacava outro grande surgimento, o movimento *tropicalista*, atingindo vários campos culturais, inovando e dinamizando em vários sigmas, inclusive esteticamente.

Também conhecido como movimento da “Tropicália”, o tropicalismo revelou-se transgressivamente inovador ao mesclar aspectos tradicionais da cultura nacional com inovações estéticas ostensivamente importadas, como a “pop art”. Também inovou ao possibilitar um sincretismo entre vários estilos musicais originalmente heterogêneos como o rock, a bossa-nova, o baião, o samba e o bolero. As letras das músicas possuíam um tom poético, elaborando críticas sociais e abordando temas do cotidiano de uma forma inovadora. (Cunha³⁸)

Campina Grande também se insere nesse novo contexto inovador dos anos auge, além da capital, a cidade do agreste paraibana também ascendia nesse novo embalo tropicalista, rumores das novas técnicas, dos novos pensamentos adivinham da cidade vizinha. Essa efervescência estava tomando conta dos artistas locais, dentro desse contexto nasce o Equipe 3³⁹, grupo de jovens artistas cheios de novas ideias e ideais.

³⁸ Texto disponível em <http://www.brasilartesenciclopedias.com.br/mobile/temas/tropicalismo.html>

³⁹ A formação original da Equipe 3, contava com Chico Pereira, Eládio Barbosa e Anacleto Elói. Esses artistas foram considerados como pioneiros de uma nova arte paraibana, trazendo para Campina Grande além do tropicalismo, a chamada *arte pop*.

Após inauguração do Museu de Arte de Campina Grande, em 1967, a Equipe 3, ao lado de outros artistas locais dispuseram de um espaço privilegiado, onde puseram expor seus trabalhos.

No mesmo local, simultaneamente à recepção pública do acervo, foi inaugurada uma amostra coletiva com os artistas mais representativos da arte produzida em Campina: Raul Córdula, Eládio Barbosa, Anacleto Elói e Chico Pereira. (GOMES, 2013, p. 4)

O autor Dyogenes Gomes (2013) transcreve um texto de Chico Pereira onde o próprio salienta sobre a criação do museu na cidade, ao falar, ele deixa claro em suas palavras sua alegria ao participar desse momento histórico em sua cidade, como artista e como filho da terra. Como aquele acontecimento abria portas, não só para o Equipe 3, mas para todos os artistas que aqui buscavam reconhecimento na própria região, através desse momento notoriamente as chances de se frequentar outras exposições era visível.

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de "aprendizagem". Seu domínio é o do não-racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contacto com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia. (COLI 2012 , p 109)

A arte não tem nem classe social, não distingue cor da pele, nem recrimina se é homem ou mulher, não existe certo ou errado na forma de pintar uma tela em branco, talvez o próprio branco já seja uma pintura, não precisa enxergar com os olhos para senti-la, basta apenas tocar com delicadeza dos dedos o objeto, ou sentir o cheiro fresco da tinta exalando todo o ambiente, a arte é a forma mais concreta e segura que o artista encontrou de expressar seus sentimentos em um mundo tão ilusório e tão sóbrio.

Dyógenes Gomes (2013) em artigo intitulado “Chico Pereira: poptropicalista das terras tabajaras”, transcreve um depoimento do próprio Chico Pereira ao falar sobre a presença do Pedro Américo na cidade e sua contribuição aos artistas, em suma ao relatar, Chico descreve como aquele ano de 1967 marcou tanto a sua vida, como as dos demais integrantes da Equipe 3, como abriu portas para outras exposições em estados e países vizinhos, até mesmo em exposições com trabalhos individuais, para o artista foi gratificante toda experiência adquirida com os intercâmbios promovidos.

Campina Grande vivia momentos gloriosos no campo artístico cultural, se antes tinha-se como atrasada culturalmente, agora alcançava uma deliberada dimensão artística, vivia seu apogeu cultural.

As exposições nascem necessariamente da intenção de comunicar um tema, um conjunto de artefatos, uma coleção, a obra de um artista, um recorte conceitual sobre um acervo, uma posição política ou ideologia social. A exposição representa a condensação dos saberes do campo da museologia através da aplicação de seus métodos e técnicas como a pesquisa, documentação, conservação, segurança, educação e difusão. Entretanto, ela não se encerra ao ser inaugurada, pois deve se comportar como uma obra aberta, alimentada permanentemente pelo visitante. (REVISTA, 2014, p 27)

As exposições também remontam a uma memória, através delas conseguimos nos teletransportar para um passado distante dos nossos olhos, mas não dá nossa mente, remeter aquilo que almejamos que sonhamos, mas não conseguimos ter, ao um passado dos nossos antepassados.

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, nações, etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis. (Pollok 1989, p 07)

Segundo Pesavento (2005), com a História Cultural, as representações no campo da memória propõem narrativas e construções seguras do passado, com a memória evocada o indivíduo se assegura de lembrar-se de algum fato, ou acontecimento sem necessariamente de uma presença, basta ter um objeto por exemplo.

Tomando partido dessas declarações, encontramos relatórios no arquivo do museu, onde podemos identificar com notoriedade todas as atividades advindas desse momento auge na cultura campinense, entre o período de 1967-1969.

O Acervo inicial contou com várias obras importante, como constatava no projeto inicial, exposições da Equipe 3, uma missa solene a inauguração do museu, contando com a participação do coral da Faculdade de Administração da URne. Também contou com uma coletiva dos alunos da Escolinha de Artes de Campina Grande, exposições de artistas pertencentes á Galeria Relevô do Rio de Janeiro, onde os mesmo abrilhantaram ainda mais o Museu Pedro com seu trabalho.

Além dos lançamentos de livros dos escritores Joacil de Brito Pereira, Aglaé Lima de Oliveira, João Calmon, Flávio Lúcio Campos e José Gregório. Também participou ativamente de promoções culturais, como a I Feira de Arte Popular do Nordeste com apresentação de grupos folclóricos, conferências, cantadores populares e participação especial dos corais faladas “Cecília Meireles e Manoel Bandeira ” (março de 1968), a I Semana Nacional do Folclore, com apresentação de slides e conferências sobre Folclore, realizados pela equipe da Universidade. (Agosto de 1968), Criação da Semana do Folclore Nacional de Campina Grande por solicitação do museu, pelo prefeito municipal Williams Arruda, instituída pela lei nº 26 de 13/08/ 1968.

Notório também a participação das cidades circunvizinhas nessa mesma época. Apresentação de cirandas da cidade de Serra Redonda, apresentação do grupo artístico do Convento Ipuarana – musica Sacra e Popular. Conferência do professor Vanildo de Brito sobre Estética da Arte, Trazendo assim novos conceitos e novas roupagens sobre o assunto, Envio de trabalhos de madeira da artista Paulina Diniz da Silva para o 1º salão de Arte Sacra do Paraná, exposições e palestras rotativas em convênio com a União campinense de Equipe Sociais (UCES) em diversos bairros da cidade, dinamizando os trabalhos realizados no museu, além da criação do departamento de Folclore.

Partindo ainda da nossa análise temporal dos três primeiros anos do museu na cidade. Em 1969 as atividades do museu continuavam intensas e notórias. Exposição permanente do acervo, participações nas semanas Universitárias das cidades vizinhas, Patos e Cajazeiras, exposições rotativas e palestras nos bairros de Campina Grande, contando com um acervo cultural popular, exposição de Desenhos infantis, além da I exposição coletiva de artistas paraibanos, da II Feira de Arte Popular e da II Semana do Folclore Nacional, enriquecendo cada vez mais o trabalho dentro e fora do museu.

Lançamentos de livros importantes também estiveram presentes nessa época, o museu contou com grandes nomes da região, Meio tempo, meio mundo, do poeta Antonio Gomes, Cinema e Província, de Wills Leal, O sertão em poesia, de Clóvis de Mello Trinta anos na Paraíba, de Leon Francisco Clero ,Meio tempo, meio mundo, do poeta Antonio Gomes, Cinema e Província, de Wills Leal, O sertão em poesia, de Clóvis de Mello, Trinta anos na Paraíba, de Leon Francisco Clerot , Escritores Brasileiros no Cinema, de Wills Leal .

Nitidamente o Pedro Américo abriu espaços notórios, impulsionando cada vez a arte local e lampejando seus artistas. A repercussão dos artistas e seus trabalhos tanto em conjunto como por equipe, atravessou fronteiras, chegando a outros estados como São Paulo, Minas Gerais, entre outros. Em 1968, anos após a inauguração do museu, a Equipe 3 volta a sua terra natal com mais uma bela exposição. Dyogenes Gomes (2013) em “Chico Pereira: poptropicalista das terras tabajaras” relata a suma importância desse museu ao artista e a visibilidade que ele resultou, vejamos no ano de 1968, novamente os jovens do Equipe 3, monta uma magnífica exposição na Galeria do Museu, com nome de Expressão Coletiva.

Dessa forma a história do Museu Pedro Américo e seus artistas vieram ganhando forma e contextos, se adequando aos poucos a ideia de um museu como espaço dinamizador da cultura, desenvolvendo ao logo do tempo e enfrentando várias transformações, foi se modificando e ajustando-se as novas necessidades e procurando sempre se especializar, integrando novas tecnologias em seus espaços, procurando a modernização, mas sem deixar suas tradições serem esquecidas.

4. Conclusão

Buscamos argumentar em nossa pesquisa, à história que cerca a chegada do Museu Regional de Arte Pedro Américo em terras paraibanas, as dificuldades que Chateaubriand enfrentou ao idealizar a Campanha Regional dos Museus, todo seu tempo atribuído ao trabalho proposto e sua procura por colaboradores para designar este com mais exatidão.

Acreditamos que a chegada do museu impulsionou as atividades artísticas culturais da cidade de Campina Grande no ano de 1960, o museu passou a fazer parte da vida daqueles que almejavam de alguma forma um reconhecimento no campo artístico cultural, o espaço foi se adequando as necessidades que eles buscavam principalmente as novas tendências advindas de outras regiões, assim preenchendo as lacunas que ainda encontravam em aberto.

Verificamos em documentos encontrados no arquivo, várias atividades desenvolvidas na cidade desde sua inauguração, as várias exposições que aconteceram nesse período, os eventos promovidos na cidade, os lançamentos de livros, entre outras ações.

Nesse patamar, conseguimos identificar uma contribuição notória do Museu Regional de Arte Pedro Américo a Rainha da Borborema e aos seus artistas. Durante toda a pesquisa evidenciamos através das manchetes dos jornais, documentos e dos artigos o quão grande era as expectativas geradas em torno da chegada do museu, e as possibilidades que trazia consigo, a preservação da memória através do monumento onde ele seria instalado, com isso, destacamos a postura adquirida pelo museu como um instrumento de sensibilidade e valorização do patrimônio, abrangendo também os diversos espaços sócios culturais, a diversidade e os vários eixos que inter cruzam esse movimento, possibilitando assim um desenvolvimento local.

A ideia de um museu como instituição, veio desenvolvendo-se progressivamente e enfrentou várias transformações, foram se modificando e ajustando-se as novas necessidades e procurando sempre se especializar.

Intercalamos em nossos estudos, os recursos teóricos metodológicos a cerca da nova Historia Cultural, suas representações, os novos abjetos e suas discussões principalmente em torno do objeto cidade e suas façanhas. Além dos estudos sobre memória.

Nosso objetivo ao desenvolver e concluir essa pesquisa partiu a fim de compreender esse movimento artístico na cidade, pontuando em vários momentos da nossa escrita às desenvolvuras e realizações de um trabalho consolidado.

Portanto, salientamos a contribuição do museu a cidade e aos seus artistas. Nossa pesquisa não pretende delimitar um término ao debate, mas sim abrir novas possibilidades de leituras, assim como instigar novas problematizações a partir da história do Museu Regional de Arte Pedro Américo, além das novas gerações de artistas campinenses que surgiram após o ano de 1967, e suas influências advindas desse período de várias manifestações culturais na cidade de Campina Grande- PB.

5. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, A. L. **Da Construção de uma Arte Nacional aos Murais de Campina Grande.** In: 8º Seminário Docomomo Brasil, Rio de Janeiro, 2009.

ARAÚJO, Fabiana de Almeida. **A dimensão educativa do Museu de Arte Assis Chateaubriand de Campina Grande.** 2007. 141 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Interdisciplinar em Ciências da Sociedade, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2007.

AURÉLIO, Margarete e SÁ, Alena (org). **O caderno, as artes visuais da Paraíba na sala de aula.** 2004. P 5-10.

BENVENUTI, Alice. **Museus e Educação em Museus – História, Metodologias e Projetos, com análises de caso: Museus de Arte Contemporânea de São Paulo, Niterói e Rio Grande do Sul.** 2004. 380 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BRESCIANI, Maria Stella. **Cidades e urbanismo. Uma possível análise historiográfica.** Politeia : Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 9, n. 1, p. 21-50, 2009. Disponível em : <<http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/559/556>>. Acesso em: 25 out. 2016.

CASTRO, Celso 1963- **pesquisando em arquivo.** Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro , 2008.

CHAGAS, Mário de Souza. **Memória e Poder: dois movimentos.** In: Ensaios de Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e tecnologias, 2011. P 6-14.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: DIFEL, 1990.

CARLAN, Claudio Umpierre. **Os Museus e o Patrimônio Histórico: uma relação complexa.** Departamento de História – Centro de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. São Paulo, 27 (2), 2008.

COLI, Jorge. **O que é Arte.** 15ª ed., Editora Brasiliense, São Paulo – SP, 2004.

CONSIDERA, Andreia Fernandes. **Museus de História Natural no Brasil (1818-1932): uma revisão bibliográfica.** In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais Eletrônicos.** São Paulo: Anpuh-sp, 2011. v. 1, p. 1 - 5. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 25 out. 2016.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Prólogo. In: DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia.** São Paulo: Armand Colin, 2013. p. 11-13.

FERNÁNDEZ, Luis Alonso. **Museología: introducción a la teoría y práctica del museo.** Madrid: Istmo, 1993

FREIRE, Adriana Leal de Almeida. **Da Arquitetura Moderna Residencial Campina Grande: registros e especulações (1960 – 1969)**. 2007. 103 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

FABIANO JUNIOR, Antonio Aparecido. Museu: um olhar sobre o espaço público, o espaço arte, o espaço arquitetura. **Revista Cpc**, n. 4, p.7-22, 1 out. 2007. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i4p7-22>.

GOMES, Maria Cristina de Freitas. **A criação de museus de arte no Brasil pelo mecenato de Assis Chateaubriand**. In: MUSAS– Revista Brasileira de Museus e Museologia, Rio de Janeiro : IPHAN, 2004- v. :il. p 147-155.

GOMES, Maria Cristina de Freitas. **Assis Chateaubriand e os museus regionais no Nordeste: os Trigêmeos**. In: Segundapessoa,. Joao Pessoa 2014, ano 4, número 1, Dez -Jan-Fev 2014. P 17-19.

GOMES, Dyógenes Chaves. **Artes visuais na Paraíba: 1900-2010**. Arte e Critica Jornal da Abca. Si, p. 1-16. jun. 2013.

GOMES, Dyógenes Chaves. **Chico Pereira Poptropicalista das terras tabajaras**. In: Segundapessoa,. Joao Pessoa 2014, ano 4, número 3, Jun-Jul-Ago 2014. Edição especial, Chico Pereira. 2013. p 4-9.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. In: NASCIMENTO, Sylvania Sousa do; TOLENTINO, Átila; CHAGAS, Mário. **Caderno de Diretrizes Museológicas**. 2. ed. Brasília: Secretaria de Estado da Cultura, 2006. Cap. 6. p. 1-166.

OLIVEIRA, Júlio César Mélo de. **Campina Grande: a cidade se consolida no século XX**. Joao Pessoa-PB, 2007. Monografia (Graduação em Geografia) Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Departamento de Geociências. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa , 2007.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie ;ALMEIDA, Cristóvão Domingos de ; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais. Ano I - Número I - Julho de 2009.

SILVA, Maria Celina Soares de Mello e. **Arquivos de Museus: Características e funções**. Museologia e Interdisciplinaridade. Vol.11, nº4, maio/junho de 2013.

SILVA, Maria Raquel. **Civilizando os filhos da “Rainha”, Campina Grande: modernização, urbanização e grupos escolares (1935 a 1945) / Gabriela Bezerra de Medeiros**. 2001. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

PENHA, Norma Gonzaga da. **Pop Arte e a linguagem publicitária: relação entre imagem e texto**. 2012. 40 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

REVISTA BRASILEIRA DE MUSEUS E MUSEOLOGIA. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v 3, 2007. Anual.

RODRIGUES, Ana Márcia Lutterbach. A teoria dos arquivos e a gestão de documentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p.102-116, abr. 2006. Jan/abr.

LIMA, Ana Paula Pereira. **Assis Chateaubriand e Silvio Santos: Patrimônio da Imprensa Nacional.** 2001. 121 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2001.

LOURENÇO, Maria Cecília França. **Museus acolhem o Moderno.** São Paulo: Edusp, 1999.

MAGALHAES, Aloísio. **Preservação da memória nacional.** Boletim Informativo da casa Romário Martins, Ano VII, n.º 51. Cidade de Curitiba Março/ 1981.

MICHELOTTI, Denise. **Arte em Vitrais: A Salvaguarda, A Extroversão e a sociomuseologia.** 2011. 118 f. Dissertação (Mestrado) Curso de Humanidades e tecnologias, na Universidade de Lusófana, Lisboa, 2011.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História n.10, 1993.

STRADIOTTO, Tariana Maici de Souza. **Sociomuseologia e Acervos Museológicos: novos olhares sobre algumas coleções do Masp.** 2011. 93 f. Dissertação (Mestrado)) Curso de Humanidades e tecnologias, na Universidade de Lusófana, Lisboa, 2011.

SUANO, Marlene. **O que é Museu.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** 2 ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2005.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLITANO, Stela. **Masp em revisão: museu transparente.** In: V Encontro de História da Arte- IFCH/ UNICAMP, Campinas / SP, 2009.

INSTITUTO. Brasileiros de museus. **Museus e Turismo: Estratégias de Cooperação –** Brasília, DF: 80 f. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/Museus_e_Turismo.pdf> Acesso em: 10 Out 2016.

5.1. Referências Documentais

Arquivo do museu, recortes de jornais sobre a criação do MAAC, caixa 01, datada de 1966/1969.

Jornal Correio da Paraíba, 6 de Setembro de 1967.

Jornal Diário da Borborema, Campina Grande, 4 de Julho de 1968.

Jornal Diário da Borborema, Campina Grande, 19 de Outubro de 1967.

Jornal Diário da Borborema, Campina Grande, 21 de Outubro de 1967.

Jornal Diário da Borborema, Campina Grande, 24 de Outubro de 1967.

Jornal O Diário De S. Paulo, de 1967.

Portaria/URne/GR/80, Documento do Reitor da Universidade Regional do Nordeste, no uso de suas atribuições.

Relatórios de Atividades culturais do Museu de Arte Assis Chateaubriand no período de 1967/ 1969.